

ENEIDA BRASILEIRA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO FERREIRA COSTA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO

JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Comissão Editorial da coleção LVMINA

ALCIR PÉCORÁ – ANTONIO DA SILVEIRA MENDONÇA

FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA – PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS – TRAJANO VIEIRA

ENEIDA BRASILEIRA

ou

Tradução Poética da Epopéia de

PÚBLIO VIRGÍLIO MARO

por

MANUEL ODORICO MENDES

da cidade de S. Luís do Maranhão

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

V819c Virgílio.
Eneida brasileira: tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro /
Virgílio; organização: Paulo Sérgio de Vasconcellos et al.; tradução Ma-
nuel Odorico Mendes; – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

1. Poesia latina. – 2. Traduções e interpretações. I. Vasconcellos, Paulo
Sérgio. II. Título.

ISBN 978-85-268-0800-3

CDD 873.01
870

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia latina 873.01
2. Traduções e interpretações 870

Copyright © by organizadores
Copyright © 2008 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada
em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da UNICAMP
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus UNICAMP
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Sumário

Apresentação.....	7	Livro VI.....	229
Introdução à <i>Eneida</i> de Odorico Mendes	9	Livro VII.....	277
Ao Público.....	21	Livro VIII	317
<i>Eneida</i>			
Livro I.....	23	Livro IX.....	351
Livro II.....	65	Livro X.....	383
Livro III.....	103	Livro XI.....	425
Livro IV.....	143	Livro XII.....	465
Livro V.....	181	Referências Bibliográficas	513

APRESENTAÇÃO

A presente edição da *Eneida*, na tradução de Manuel Odorico Mendes (1799-1864), segue o texto estampado no *Virgílio brasileiro* (1858), que reúne toda a obra comprovadamente virgiliana e traz, na verdade, a segunda edição de sua *Eneida brasileira* (1854). Essa segunda versão incorporava muitas correções e alterações importantes realizadas pelo próprio tradutor e acrescentava o texto latino.

Com o objetivo de tornar mais acessível ao leitor moderno uma tradução considerada, não sem razão, difícil (embora seja imerecido denominá-la “ilegível”, como amiúde se faz), atualizou-se a ortografia do século XIX. A pontuação, porém, foi rigidamente respeitada, mesmo nos casos em que havia discrepância com os padrões atuais. O mesmo procedimento (atualização da ortografia, manutenção da pontuação original) adotamos ao citar versos de *Os Lusíadas* da edição de Epifânio Dias. Manteve-se, escrupulosamente, o texto latino que Odorico utilizou e que difere em pontos vários de edições importantes como a da Oxford e a da série *Les Belles Lettres*. Aqui, tanto a ortografia como a pontuação permaneceram como se encontram no original, salvo as junções das vogais *ae* e *oe* (*æ*, *œ*), procedimento antigo e dispensável que abandonamos. Os nomes próprios continuam grafados com inicial maiúscula, tal como na edição original. Todos os erros tipográficos encontrados, quer no texto latino, quer na tradução e nas notas do autor, foram apontados em nota de rodapé. Muitos deles, mas não todos, já estavam indicados na errata que vem ao final da edição de 1858. É curioso observar que alguns não estavam na primeira edição, que se mostra, portanto, sob esse aspecto, mais acurada.

De maior relevância, porém, é o que distingue, sobretudo, nossa edição. Além do esforço em publicar um texto livre de erros, guiou-nos esta meta essencial: facilitar a compreensão do texto traduzido e de seus processos característicos, para permitir, enfim, aos leitores não-especialistas, a fruição das qualidades dessa tradução incomum. Assim, reproduzem-se as ricas notas do tradutor, que amiúde revela ali seu modo de operar: a cunhagem de neologismos e compostos poéticos (em número mais escasso do que normalmente se pensa), emprego de expressão rara, mas contraditória em determinado clássico português, o jogo intertextual com outras traduções e com a epopéia camoniana, a preocupação com a variação. Toda dificuldade, todo dado textual da tradução que pudesse provocar no leitor um certo estranhamento, em qualquer nível (lexical, sintático, semântico), toda referência (histórica, mitológica) obscura para o não-especialista, tudo foi esclarecido por meio de notas de rodapé, que têm, precipuamente, a função de iluminar aspectos do texto que dificultam ou inviabilizam sua compreensão pelos leitores de hoje. É preciso dizer que, se determinada palavra de um certo canto recebeu esclarecimento em nota de rodapé, ao reaparecer em outro canto, se fará ali a remissão para o contexto em que foi expressa pela primeira vez. Nos sete últimos livros, para comodidade do leitor, a remissão se fará sempre aos livros do conjunto, isto é, não retrocedendo para antes do sétimo livro. Por fim, acompanham cada canto notas de extensão variada sobre aspectos da tradução que julgamos interessante apontar para o leitor, que, assim, irá, ao longo da leitura, penetrando na arte tradutória de Odorico e, pensamos, apreciará, sobretudo, passagens

brilhantes que julgamos por bem ressaltar e analisar. As referências bibliográficas completas das obras antigas e modernas compulsadas para a realização de notas e comentários serão enunciadas ao final do livro.

Se, ao leitor desprovido de preconceitos e disposto a enfrentar um texto complexo e desafiador, conseguíssemos mostrar o rigor e a criatividade dessa tradução, já nos sentiríamos recompensados por um esforço ingente. Mas se, acima disso, pudermos fazê-lo provar, ao menos em certas passagens escolhidas, a mesma emoção estética que sentimos em meses e meses de trabalho árduo sobre o texto, nós, do Grupo de Trabalho Odorico Mendes, do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, daremos por cumprido nosso objetivo maior: *per ardua ad astra...* Esteja certo o leitor que jamais leu Odorico Mendes de que está prestes a descobrir uma das mais fascinantes traduções de poesia de todos os tempos. Apenas desejamos que a tradução, com nosso auxílio, possa receber do leitor a estima que ela merece.

Em ordem alfabética, eis os componentes da equipe que estabeleceu o texto em português e redi-

giu notas de rodapé e comentários ao final de cada canto:

André Albino de Almeida
Aristóteles Angheben Predebon
Carolina Alves Ferreira
Daniel Rossi
Isabella Tardin Cardoso
Josiane Martinez
Júlio Carmo Neto
Leandro Vendemiatti
Maria Célia Nobre
Matheus Trevizam
Patrícia Prata
Robson Tadeu Cesila
Sidney Calheiros de Lima.

O árduo trabalho de revisão das remissões foi realizado com dedicação, habilidade e paciência por Patrícia Prata e Josiane Martinez.

PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS
(coordenador)

INTRODUÇÃO À ENEIDA DE ODORICO MENDES

A obra tradutória do maranhense Manuel Odorico Mendes (1799-1864) sempre recebeu acolhida polêmica, embora as críticas mais duras tenham como alvo preferencial suas traduções de Homero.¹ Odorico, além de traduzir duas tragédias de Voltaire, recriou em português, em versos decassílabos, toda a epopéia homérica (*Iliada* e *Odisséia*) e toda a obra virgiliana (*Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*), enfrentando o desafio de recriar poeticamente o conjunto da produção de dois dos maiores poetas do Ocidente.

A tradução da *Eneida* foi estampada primeiramente em 1854, na França (para onde Odorico Mendes se retirara em 1847 e onde permaneceria a maior parte do tempo, nos anos restantes de sua vida), com o tí-

tulo de *Eneida Brasileira*.² Uma segunda edição, também na França, com importantes alterações, saiu em 1858, ao lado da tradução das *Bucólicas* e das *Geórgicas*, sob o título geral de *Virgílio brasileiro*. O título *Eneida brasileira* parece-nos ter um significado especial, que logo apontaremos. De início, passaremos a descrever brevemente algumas características da tradução odoricana da *Eneida*.

Chama de imediato a atenção a notável concisão atingida por Odorico. Não é fácil, adotando uma forma métrica como o decassílabo (na tradição camoniana do verso heróico), verter para uma língua analítica um poema escrito numa língua flexiva, mais sintética e desprovida de artigos definidos e indefinidos como o latim, e ser conciso sem se tornar obscuro, ou, ao contrário, cerceado pelas injunções do metro sem inflar com palavras desnecessárias o verso para preencher a “fôrma”. Apresentamos abaixo um quadro contrastivo com o número de versos de cada livro da *Eneida*, nas duas edições, que serão comparados com os de duas traduções célebres em decassílabos, as de Annibal Caro (século XVI) e Dryden (século XVII):

1. O crítico mais contundente parece ter sido Antonio Candido, que menciona um suposto “pedantismo arqueológico das traduções de Homero e Virgílio” (1975, vol. 1, p. 262) e “o mesmo espírito que registramos nos árcades rotinizados, e que encontrou no Odorico Mendes tradutor de Homero um ápice de tolice [...]” (op. cit., vol. 11, p. 74). A acolhida à *Eneida brasileira* foi dúbia: Gonçalves Dias pôde encontrar um análogo da recepção fria dada ao poema épico *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, que o imperador patrocinara, na acolhida que a tradução odoricana recebera em Portugal, mas o próprio poeta maranhense menciona o juízo positivo de Alexandre Herculano e Rebelo da Silva: “A *Eneida Brasileira* [...] não achou simpatias em Lisboa; há dois contudo que a apreciaram, A. Herculano e Rebelo da Silva; os mais não podem avaliar a tradução, porque já se esqueceram das suas humanidades” (apud Wilson Martins, 1977, p. 39). Por outro lado, a obra de Odorico, ao longo dos anos, também teve seus defensores; mais recentemente, destacam-se Haroldo de Campos (pelo menos desde a década de 60) e Antônio Medina Rodrigues.

2. É preciso corrigir o que vem nos *Apontamentos de literatura maranhense*, de Jomar Morais, grande estudioso e divulgador da história e da cultura do Maranhão: a data de 1858 (p. 57) e as outras referências, que mostram a confusão entre a *Eneida brasileira* e o *Virgílio brasileiro*, não citado. O autor comete um outro deslize, desta vez mais grave, ao transcrever palavras de Odorico que falam de sua predileção por Virgílio como se o tradutor estivesse mencionando uma “decidida predileção por Homero” (!) (p. 58). Além disso, na mesma página, elogia-se a “arguta apreciação de Sílvio Romero”: “Em Odorico Mendes parece-me sobrepujar o patriota ao literato”.

	<i>Original latino</i>	<i>1ª edição</i>	<i>2ª edição</i>	<i>A. Caro</i>	<i>Dryden</i>
Livro primeiro	760 ³	791	790	1.234 ⁴	1.065 ⁵
Livro segundo	804	840	830	1.298	1.094
Livro terceiro	718	750	723	1.134	944
Livro quarto	705	765	741	1.083	1.009
Livro quinto	871	896	877	1.247	1.136
Livro sexto	902 ⁶	939	936	1.361	1.247
Livro sétimo	817	825	818	1.241	1.113
Livro oitavo	731	730	728	1.138	977
Livro nono	818	800	798	1.273	1.107
Livro décimo	908	894	894	1.431	1.313
Livro décimo primeiro	915	886	885	1.445	1.318
Livro décimo segundo	952	926	926	1.548	1.377
TOTAL	9.901	10.042	9.946	15.433	13.700 ⁷

O que se conclui da comparação entre esses dados? Primeiramente, que a segunda edição ganhou muito em síntese (menos 96 versos). Em segundo lugar, note-se que, do canto VIII ao último, ambas as versões têm menos versos que o original, um feito notável. O confronto com traduções em outras línguas que mantiveram o decassílabo também aponta para a concisão da versão odoricana (apenas 45 versos a mais do que o original, na segunda versão), por mais que se leve em conta a diversidade lingüística. Por fim, poderíamos estender a comparação para uma tradução em verso português, a clássica versão em decassílabos e oitava-rima de João Franco Barreto (século XVII): 18.528 versos.⁸ É evidente que cada versão tem seus parâmetros e deve ser analisada a partir deles, mas destacamos os dados para ressaltar concretamente que a concisão constituía para

Odorico uma meta a ser atingida⁹ — e o foi plenamente. Sejam quais forem nossos parâmetros críticos para julgar uma tradução, é inegável que o português conciso da versão odoricana está mais próximo do texto poético e da língua sintética do original que versões mais infladas: esse português, também sob tal aspecto, se encontra mais “latinizado” que em outras traduções portuguesas. Toda opção do tradutor, porém, implica algum tipo de perda; Odorico, por exemplo, elimina por vezes o epíteto mais comumente aplicado ao protagonista da *Eneida*, ao longo do texto: *pious*, sendo infiel, portanto, ao estilo formular da epopéia virgiliana.

A comparação com a *Eneida portuguesa* de João Franco Barreto merece um desenvolvimento à parte.

9. Essa é uma preocupação do tradutor, como as próprias palavras de Odorico o demonstram: “Que a epopéia peça um tom majestoso e gravidade, é incontestável; mas a concisão, necessária em todos os gêneros, casa com essa majestade e compasso. Para se isto conseguir não é forçoso prodigar palavras e perífrases: cumpre escolher os vocábulos, medir bem os períodos, as pausas do verso, estudar mesmo o efeito da combinação das sílabas e letras, dos acentos e consonâncias. Pode um período ser curto e próprio do épico; para nada presta uma versalhada interminável” (*Virgílio brasileiro*, p. 504, nota aos versos VI, 179-82; 183-89 da tradução). Essa economia verbal seria fiel ao estilo mesmo do poeta latino, que, segundo Odorico, “é tão recomendável pelo que exprime, como é muitas vezes pelo que sabe calar: a precisão é o cunho das suas poesias” (p. 343, nota aos versos 10-18). Note-se que, neste estudo, as citações da tradução odoricana, salvo advertência, serão todas feitas a partir do *Virgílio brasileiro*, que estampa, como vimos, a edição corrigida da *Eneida* e a obra restante de Virgílio.

3. Incluindo os quatro versos de autoria controversa que precedem *Arma uirumque cano...*

4. Incluindo os quatro versos mencionados na nota acima, que Caro traduz com seis.

5. Dryden não incorpora os quatro versos polêmicos.

6. Na edição do texto estampada no *Virgílio brasileiro*; na edição da *Les Belles Lettres*, 901 versos.

7. O dicionário bibliográfico de Inocêncio Francisco da Silva (1862) traz o mesmo tipo de quadro, mas comete dois erros: um verso a menos nos cantos quarto e décimo segundo da segunda edição (p. 74).

8. Não se contam as estrofes que precedem os cantos e que contêm seu argumento.

O título que Odorico deu a sua versão faz-nos pensar num confronto intencional com a versão de Barreto. Curiosamente, antes da primeira edição da *Eneida brasileira*, Odorico publicara, em 1843, segundo Antônio Medina Rodrigues (1977, p. 16), parte do primeiro canto da epopéia, sob o título de *Eneida portuguesa*. Ora, o cotejo das duas versões revela uma tendência emulativa do texto de Odorico. Por vezes, elas coincidem, pelo fato de ambos traduzirem literalmente. Assim, o início do verso 1, 208 (*per uarios casus*) é traduzido “por vários casos” em ambos; mas há várias traduções especiosas que Odorico, sem dúvida, tomou de Barreto. Comparem-se:

Dabis, improbe, poenas.

*Audiam et haec manis ueniet mihi fama sub imos*¹⁰
(1v, vv. 386-387).

Literalmente: “Receberás, improbo, castigos./ Ouvirei e esta fama irá a mim sob os manes profundos”.

Em Barreto:

E o castigo terás por qualquer via:
Ouvi-lo-ei, e esta fama te asseguro,
As novas lá me leve ao centro escuro (estrofe 87, vv. 6-8).

Em Odorico:

Terás, perverso, o pago,
E a nova há de baixar-me ao centro escuro (vv. 406-407).

“Centro escuro” para traduzir *sub manis imos* é, obviamente, uma expressão demasiado peculiar para não se detectar uma “apropriação” que, na verdade, soa como homenagem ao grande predecessor. Desconfiamos, porém, que possa haver aqui uma fonte comum a ambos, mas, mesmo que isso se confirme, o fato é que Odorico incorporou muito do que João Franco realizara. É um dos tradutores que Odorico tem sempre em mente, como se pode ver também por suas notas, que comentam, elogiosa ou criticamente, algumas de suas soluções. Só a título de exemplo, veja-se esta nota, em que a não tradução do substantivo *femina* é criticada: “*Dux femina*

facti verteu João Franco: ‘Do feito a Dido são as honras dadas.’ É óbvio que *femina* é essencial: a empresa mais sobressai por ser mulher quem a efetuou” (pp. 248-249, comentário aos versos 321-83; 335-400 da tradução). Mas será preciso ressaltar, na forma breve que este estudo permite, a radical diferença entre uma tradução e outra? Enquanto a de João Franco produz um Virgílio “domesticado” (“camonizado” num português escorreito, copioso e, sobretudo, dotado de musicalidade fluida¹¹), a de Odorico, provocando maior estranhamento, é não raramente tersa e retorcida, de modo a impedir, muitas vezes, a leitura fácil de um trecho mais longo.¹²

Outro tradutor da *Eneida* de que Odorico extraiu soluções de tradução foi o português Barreto Feio, que traduziu oito cantos da epopéia; através das notas que acompanham cada canto, vemos o diálogo com esse tradutor, mas bastaria comparar certas passagens em um e outro para se certificar facilmente da apropriação de Barreto Feio pelo maranhense.

Por vezes, entre o texto original e a versão de Odorico, interpõe-se diretamente a epopéia camoniana. O tema merece um tratamento especial, mas citamos aqui apenas um exemplo do que queremos realçar. No canto VIII, na descrição do escudo de Enéias, aparece um sintagma singular, *instructo Marte* (v. 676). Significa, literalmente: “disposto Marte em linha de batalha”, com a metonímia “Marte” por “esquadras”. Odorico traduz literalmente: “(em) marte instructo” (v. 669). O leitor moderno se espantará diante da expressão odoricana, mas na verdade ela já fora empregada por Camões (“com Marte instruto”, *Os Lusíadas* II, 53, vol. 1), numa passagem em que o poeta lusitano imita de perto... o trecho da *Eneida* que, justamente, Odorico está traduzindo. Odorico Mendes, de fato,

11. Que era essa uma intenção do tradutor (plenamente realizada) se pode ver a partir destas palavras do prólogo: “No que pus toda minha diligência foi em não me apartar do sentido do Poeta, conservando inteiras suas sentenças, tropos e figuras, e em fazer doce e sonoro o verbo, para dar gosto ao Leitor [...]” (p. 24).

12. Está ainda por explorar o que Odorico Mendes, como tradutor, deve às traduções do português Francisco Manuel do Nascimento, ou Filinto Elísio, de quem o maranhense diz: “[...] não conheço tradutor poeta que tanto me agrade, em língua nenhuma” (*Virgílio brasileiro*, p. 349, comentário aos versos 690-691). Odorico considera sua tradução dos *Mártires*, de Chateaubriand, “um modelo” (*ibidem*).

10. Apud Les Belles Lettres.

recupera da tradição poética luso-brasileira vocábulos, expressões e sintaxes que podem parecer novidades bizarras apenas a quem desconhece os textos de que o tradutor se apropriou. Em João Franco Barreto (1981, p. 27), aliás, o maranhense encontrava um precedente no emprego da mesma técnica:

Do mesmo Camões acharão em esta minha obra muitos versos e lugares inteiros, e o fiz de propósito, porque ele os tirou de Virgílio, cujas partes eu fazia, pareceu-me bem restituir-lhos, e certo que não com pouco trabalho, que assim se fazem já todas as restituições.¹³

Também Odorico se apropria, por vezes, de versos camonianos inteiros, operando ligeiras modificações, necessárias para adequá-los ao contexto da *Eneida*; comentando um verso do livro sétimo, o tradutor diz: “Ao verso 518 adaptei um de Camões, e assim faço algumas vezes”.¹⁴

Outro aspecto da tradução odoricana que gostaríamos de realçar é sua preocupação em reproduzir os efeitos rítmicos do original. Um belo exemplo de sua habilidade está nesta passagem do segundo canto:

*Vertitur interea caelum et ruit Oceano nox
inuoluens umbra magna terramque polumque* (vv. 250-251).

Gira, enquanto isso, o céu e rui do oceano a noite, envolvendo com sua grande sombra a terra e o pólo [...].

Em Odorico:

Vira o céu, no oceano a noite cai,
E embuça em basta sombra a terra e o pólo (vv. 253-254).

13. É curioso que Odorico (*Virgílio brasileiro*, p. 203), ao mencionar “bons tradutores poetas” da epopéia camoniana, não cite o nome de Barreto: “Por contente me dou se obtenho um lugar ao pé de Annibal Caro, Pope, Monti, Francisco Manuel, e de outros bons tradutores poetas”. Note-se o aposto aplicado a “tradutores”; como dizia o subtítulo da tradução, Odorico pretendia mesmo criar uma tradução que se sustentasse como texto poético.

14. *Virgílio brasileiro*, p. 555. O verso em questão é *Et trepidae matres pressere ad pectora natos*, vertido “[...] e as mães de susto/Aos peitos os filhinhos apertaram” (vv. 515-516 da tradução). Eis o passo camoniano: “E as mães que o som terribil escuitaram,/Aos peitos os filhinhos apertaram” (*Os Lusíadas* IV, 28, 7-8).

Odorico termina o verso com o monossílabo, como no original (que já imitava esse traço de Homero, em *Odisséia* v, 294). O verso que segue apresenta, no original, uma forte presença de nasais e ritmo prevalentemente espondaico, que, para os antigos, soava mais vagaroso e, aqui, mimetiza o paulatino descer da noite sobre a terra e o céu:

inuôluêns ûmbrâ mâgnâ târrâmquê pôlumquê

Odorico não pode reproduzir em português o andamento prevalentemente espondaico do verso, mas encontra um meio próprio para criar o ritmo regular: usa um padrão que poderíamos denominar “jâmbico” em todo o verso (sílabas átonas + sílabas tônicas):

EmBÚ - ç(a)emBÁS- ta SÓM- bra(a)TÊR- r(a)eoPÓ -lo
1 2 3 4 5

Note-se, além da aliteração das bilabiais, a sucessão de nasais *em-em-om*. No original, temos: *in-en-um-am-um*.

Vejamos como Odorico verte este outro trecho da epopéia:

*Improuisum aspris ueluti qui sentibus anguem
pressit humi nitens trepidusque repente refugit
attollentem iras et caerulea colla tumentem,
haud secus Androgeos uisu tremefactus abibat*
(II, vv. 379-382).

Em Odorico:

O viandante,
Que entre áspero sarçal em cobra oculta
Senta o pesado pé, trépido salta,
Foge ao réptil, que desenrola as iras
E incha o cerúleo colo: assim tremendo
Recua Andrógeos (vv. 389-394).

A tradução desse símile nos parece um *tour de force* do tradutor. Notável, primeiramente, a síntese (para os quatro versos do original, quatro versos inteiros mais dois pequenos pedaços de verso; são sete versos em Annibal Caro, que, como já dissemos, também

emprega o decassílabo). Além disso, a ousada imagem virgiliana de uma cobra “que alça as iras” (*Attolentem iras*), ao invés de algo como “que se alça irada”, recebe um equivalente igualmente peculiar, não banal, em “que desenrola as iras”. A escolha, aqui, do polissílabo *desenrola* visa a provocar o efeito do original, como se depreende de nota do próprio Odorico Mendes: sugere-se o desdobrar-se da serpente. Há um hábil emprego do ritmo em *Senta o pesado pé, trépido salta*: na cesura do verso heróico (sexta sílaba tônica), aparece um monossílabo que termina uma oração, recortando com ênfase o verso (...*pé//trépido*...). A palavra que se segue ao monossílabo é proparoxítona (*trépido*), uma espécie de dátilo saltitante, e efeito semelhante se tem no latim *trepidusque*. Em suma, em curiosa harmonia imitativa, tanto o texto latino quanto o português fazem-nos “sentir” vivamente, *através do ritmo*, a cena retratada: primeiro o pé afundando no sarçal (e Odorico acrescenta uma aliteração *Pesado Pé*; no original, podemos notar o jogo imPRovisum asPRis.../PRessit; confronte-se: *enTRe ásPeRo ...coBRa/TRÉpido*) e, imediatamente, retirando-se. Por outro lado, *entre áspero sarçal* (*aspris... sentibus*) e *incha o cerúleo colo* (*et caerulea colla tumentem*) são belas traduções quase literais.

Odorico tenta recriar, e o faz com refinado gosto, a harmonia imitativa que se apóia em ritmo, aliterações e assonâncias. Apenas mais um exemplo, que aqui vai pelo seu curioso efeito rítmico. No quadro descritivo da caçada, que antecede o episódio da tempestade, no canto IV, encontramos estes versos:

*Postquam altos uentum in montis atque inuia lustra,
ecce ferae saxi deiectae uertice caprae
decurrere iugis* (vv. 151-153).¹⁵

Na tradução vívida de Odorico:

Chega-se a alpestres montes e invias furnas:
Eis, de íngreme rochedo despenhando-se,
Bravias cabras pelos picos pulam (vv. 162-164).

15. Em tradução literal: “Depois que se veio a altos montes e invios recessos,/eis que feras cabras, impelidas do cume da rocha,/correram pelos picos [...]”.

Em Virgílio, temos o ritmo de um verso repleto de longas e elisões — *pōstqu(am) āltōs uēnt(um) īn mōntīs ātqu(e) īnuīā lūstrā*, contrastado com o ritmo ágil dos dissílabos e o dátilo inicial do verso seguinte — *Ēccē fērae saxi... caprae* (quatro dissílabos paroxítonos, como quase todos em latim). Odorico, atento ao ritmo ágil que o segundo verso apresenta, traduz recriando, com a aliteração das bilabiais, uma sonoridade intensamente evocativa da imagem representada:

Eis d(e)íngreme rochedo despenhando-se,
Bravias cáBras Pélos Picos Púlam

Odorico contrapõe um verso que apresenta a seqüência monossílabo-trissílabo (o todo rítmico “dín-greme”) — trissílabo-pentassílabo (a unidade “despenhando-se”), uma notável seqüência de quatro dissílabos paroxítonos, três deles começando com o mesmo som consonantal /p/, fazendo o leitor ouvir as patadas das cabras e representar-se mentalmente o ritmo de seus pulos — um efeito conseguido de forma até singela, mas eficacíssima e não artificiosa. Atente-se também para o jogo das vogais a-I-a-A-a-(p)E-o-(p)I-o-(p)U-a (em que as maiúsculas representam as tônicas).

Essas observações revelam um Odorico Mendes atentíssimo ao ritmo do original, leitor acurado e preocupado em reproduzir, com os recursos do português, seus efeitos rítmicos e sonoros, mantendo-se, além disso, o mais fiel possível ao sentido literal do texto latino. A nosso ver, momentos assim são o mais vivo desmentido às palavras de Sílvio Romero, que, mencionando as “três grandes questões a considerar” na tradução dos clássicos, nega a Odorico “o prisma artístico, o talento, a capacidade poética do tradutor”.¹⁶

Uma outra característica da tradução odoricana é a procura da variação. Não nos referimos à preocupação do tradutor em não repetir palavras em português quando o texto latino não as repete; Odorico, aliás, em uma de suas notas, comentando o emprego do adjetivo “imite”, justifica-se: “Acho pobreza que, usando Virgílio de *crudelis, immanis, immitis, crudus, saeuus, acer, acerbus*, traduzamos todos estes pelo nos-

16. Sílvio Romero, *História da literatura brasileira*, t. III, 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949, p. 35.

so tão surrado adjetivo *cruel*, imprimindo na locução uma cruel monotonia, quando os nossos nos legaram uma língua tão variada” (p. 244). O traço curioso a ressaltar é que Odorico introduz, por vezes, variação lexical *que não há no texto latino*. Veja-se este trecho sobre a tempestade do canto I, por exemplo:

Bradava; a sibilar ponteiro Bóreas
 Rasga o pano e a *mareta* aos astros joga.
 Remos estralam; cruza a proa e o bordo
 Rende; escarpado fluido monte empina-se.
 As naus já do *escarcéu* pendem, já descem
 Num sorvedouro à terra entre *marouços*:
 Remoinha o esto na revolta areia.
 Três rouba Noto e avexa nuns abrolhos,
 Abrolhos que aras Ítalos nomeiam,
 Latentes n’água, ao lume o dorso imano;
 Três no parcel (que lástima!) Euro esbarra,
 Encalha em vaus, de marachões rodeia.
 Uma, em que Oronte fido e os Lícios vinham,
 Do vértice abatendo úmido rolo,
 Mesmo à vista do herói, d’avante em popa
 Fere-a; do baque o prono mestre volto
 Cai de cabeça. O *vagalhão* três vezes
 Torce-a, revira, um vértice a devora (vv. 116-133).

É notável como o tradutor evita repetir com um mesmo termo a tradução do substantivo *fluctus* (“vaga”, “onda”), expresso por cinco vezes no trecho. Mas, resalte-se, três vezes no mesmo caso, acusativo — *fluctus*, vv. 107, 111 e 120 do original latino; uma vez no caso ablativo singular — *fluctu*, v. 110; uma vez no ablativo plural — *fluctibus*, v. 113, numa forma de variação que uma língua como o português, não flexiva, ao contrário do latim, não poderia reproduzir. O tradutor emprega *mareta*, *escarcéu*, *marouços*, *vagalhão*, deixando de traduzir a quarta ocorrência (v. 113 do original latino), que parece contida na expressão *n’água* (no original, literalmente, “em meio às vagas”: *mediis... in fluctibus*).¹⁷

17. Outro exemplo curioso (e discutível) de opção pela *uariatio*: Odorico, explicando o sentido do adjetivo português “bimas”, diz que, na tradução do original latino *bidentes*, ora empregará aquele adjetivo, ora “bianejas”, de mesmo sentido, “para variar” (p. 449, nota aos vv. 77-97; 77-100 da tradução).

Um outro tipo de “infidelidade” ao sentido literal ocorre não poucas vezes: o emprego de um composto poético ausente do texto latino. Assim, em I, 211, Odorico emprega um composto poético, “dulciloquo”, ao passo que o original diz, apenas, literalmente: “abrandando com ditos os peitos aflitos” (*dictis maerentia pectora mulcet*). O que seria o equivalente latino, *dulciloquus*, não é virgiliano e nem mesmo da época clássica. Camões, por outro lado, empregara, n’Os *Lusíadas*, o composto “grandiloquo” (I, 4, 6).¹⁸

Diremos o que pode soar como uma espécie de sacrilégio: por vezes, Odorico emprega linguagem mais marcadamente poética do que a do original, criando versos que parecem mais belos na tradução. É uma apreciação subjetiva, claro, que escamoteia a historicidade do juízo¹⁹ e não leva em conta a métrica quantitativa da qual só podemos ter uma idéia aproximada. O leitor que julgue:

Em tais cuidados ele absorto, Vênus
 Triste os gentis luzeiros orvalhando (I, vv. 241-242).

A expressão *Triste os gentis luzeiros orvalhando*, com sua feição clássica, parece-nos uma sublime “infidelidade” ao sentido literal: “banhada de lágrimas quanto aos olhos brilhantes”, isto é, “com os olhos brilhantes banhados de lágrimas” (*lacrimis oculos suffusa nitentis*). Odorico recria o verso produzindo alta poesia, pela escolha lexical, estrutura sintática e teia sonora (note-se o delicado jogo das vogais /e/ e /i/: *trIstE os gEntIs luzEIros...*).

Por outro lado, surpreende o leitor que acompanha a tradução odoricana, cotejando-a com o original latino, a precisão com que o tradutor verte termos mais técnicos; as notas aos cantos, aliás, bastariam para atestar essa preocupação com o sentido exato de certas

18. Nota de Odorico revela sua intenção de empregar composto poético para servir à concisão: “Compus *saxi-sonante*, por onomatopéia, e para evitar a fria longura *que soa nas pedras*” (nota aos vv. 358-462 da epopéia; 355-458, na tradução).

19. Mas de que forma ousaríamos comparar obras tão distantes no tempo, em línguas tão diversas? Todo juízo de gosto coloca em operação uma arriscada estratégia de deixar em segundo plano questões importantes que nos fariam vacilar a cada objetivação de nossas preferências estéticas...

expressões virgilianas: no emprego da linguagem náutica, por exemplo.²⁰

Outra característica da tradução de Odorico é o uso de formas arcaicas, muitas vezes tomadas a Camões, como o adjetivo *imiga*, de I, 78. Ora, constituía marca do estilo épico latino o uso de arcaísmos de todo tipo. Quintiliano (*Institutio Oratoria*, I, 6, 39-40 e VIII, 3, 24 e ss.) fala da dignidade e da aura de sacralidade e majestade conferida por eles ao discurso, desde que sejam empregados com a habilidade de um Virgílio. Ao conferir uma pátina arcaizante a sua dicção, Odorico mantém-se fiel a esse aspecto do texto virgiliano e da tradição épica ocidental.

Também abundam latinismos léxicos e sintáticos, mas amiúde se pode atestar que Odorico os toma a um clássico da língua portuguesa, sobretudo a Camões épico. É interessante ressaltar que, por vezes, o tradutor emprega, por exemplo, uma construção calçada no ablativo absoluto do latim num verso que *não* a traz no original (veja-se, no exemplo mencionado mais acima, “ele absorto”); é como se o tradutor, todo impregnado de latinidade, escrevesse de forma a latinizar ao máximo, sem prejuízo da elegância, o português. Se Virgílio amiúde escreve helenicamente, Odorico o faz latinamente...

Vejamos, agora, um exemplo de como o tradutor, diante de construção singular no texto latino, não a banaliza em sua versão. O original traz:

*Olli subridens hominum sator atque deorum,
uoltu quo caelum tempestatesque serenat,
oscula libauit natae; dehinc talia fatur* (I, vv. 254-256).

Sorrindo-se o autor de homens e numes,
Com gesto que a tormenta e o ar serena,
Da filha ósculos liba, e assim pondera (vv. 269-271).

Em “da filha ósculos liba”, temos uma tradução literal que modifica, do original, apenas o tempo do verbo (“libou”, no latim) e, levemente, a ordem (“ósculos libou da filha”). Ao traduzir assim, Odorico cria

20. Uma característica que Odorico atribui ao próprio Virgílio, pois o mantuano, em suas palavras, “nunca foge do termo próprio” (p. 450, nota aos vv. 113-120; 124-126, na tradução).

a mesma sensação de “estranhamento” que o leitor latino sentiria, já que a expressão é especiosa também no latim.²¹ Eis um exemplo de como o tradutor não desfaz as marcas lingüísticas do original, mesmo sob o risco de tornar sua versão portuguesa mais difícil de compreender. Em suma, sem banalizar, Odorico é fiel à singularidade da expressão literal, que também é marca da função poética da linguagem. A maneira mais prosaica de compreender a expressão virgiliana é dar a *oscula* o sentido de “lábios”, e a *libauit* o de “tocou”, como fazem muitos: “tocou os lábios da filha” (com beijos, evidentemente), mas tal análise perde nuances semânticas de ambos os vocábulos. O autor do verbete *libo* da *Enciclopedia virgiliana* (vol. III, p. 207) sugere, como tradução que seja fiel ao sentido real da expressão virgiliana, “colheu à flor dos lábios os beijos da filha”. Trata-se de um exemplo da técnica virgiliana de renovar com toque sutil palavras comuns, criando expressão simples na aparência, mas densa de conotações. Odorico amiúde se mostra à altura de tais “ousadias”, evitando desfazer as imagens do original, ainda quando sua interpretação precisa desafia o leitor e o crítico.²²

Não há espaço para tratar de forma mais profunda a questão, que aqui só roçaremos: Odorico cria neologismos em português ou, por vezes, emprega um substantivo de origem latina com sentido que há no latim, mas não registrado nos dicionários de língua portuguesa. O tradutor, aliás, chamava a atenção para esse aspecto criativo de seu trabalho com a língua portuguesa na “advertência” que antecede o texto na *Eneida brasileira*, suprimida na versão estampada no *Virgílio brasileiro*: “Adotei algumas palavras do latim e compus não poucas por me parecerem necessá-

21. Sêrvio (século IV-V) sente necessidade de explicar a expressão a seus leitores falantes de latim, parafraseando-a com um “tocou de leve” (*leuiter tetigit*, p. 95); as opiniões que arrola a seguir, a respeito do sentido a dar ao verbo, atestam a não-banalidade do sintagma.

22. Comentando uma de suas traduções que mantém, sem banalizar, a imagem do original (*et pleno se proluit auro*, canto I, v. 743, vertido como “em transbordante/Ouro se ensopa”, vv. 771-772), o próprio Odorico diz: “Conservei a audácia do original [...]” (p. 251). Ao verter um trecho do canto IV (vv. 242-294; 255-307 da tradução), Odorico gaba-se: “a tradução parece-me conservar o arrojo do original” (p. 395).

rias na ocasião. De algumas faço menção nas notas; de outras não tratei, por ser óbvio o sentido em que as tomo” (p. 6).²³

Um pequeno exemplo é o emprego de “toro” para designar o leito no qual se reclinavam os convidados num banquete:

Ao passo que exordia o padre Enéias
Do toro excelso (II, vv. 2-3).²⁴

Nem Morais, nem Cândido de Figueiredo, nem Aurélio, nem Michaelis registram tal aceção para o substantivo “toro”, mas este é um daqueles casos em que a consideração do contexto pode esclarecer o leitor. Por outro lado, um tradutor-poeta pode enriquecer o léxico da língua de chegada com inovações morfológicas e semânticas, e Odorico tinha pelo menos um grande precedente em Camões.²⁵

Outro aspecto da tradução de Odorico a merecer comentário é de ordem intertextual. Sabemos que a *Eneida imita* Homero, e esse processo significa, entre outros procedimentos, reproduzir material homérico. No limite, Virgílio traduz integralmente um verso do grego, como neste caso:

Alcandrumque Haliumque Noemonaque Prytanisque
(IX, 767).

Alcandro, Hálío, Noémon e Prítane.

23. Modernizamos a ortografia. Na nota ao verso 58 (59, na tradução) do canto IV, Odorico justifica o emprego da palavra “legífera” pela necessidade: “é pois necessária a palavra” (p. 398), ao mesmo tempo que aponta a regularidade da formação desse composto: “Já temos *frugífero*, *alífero*, *sagitífero*, e outros adjetivos deste cunho” (ibidem).

24. No original: *Inde toro pater Aeneas sic orsus ab alto* (v. 2).

25. Odorico poderia ter invocado o precedente de Filinto Elísio (1941), que declara: “Toda a palavra latina de que temos falta e que me evitar uma circunlocução — perdoem-me os senhores forreiros... — não tem remédio: vai!” (p. xxxiii). Por vezes, é apenas aparente a inovação de Odorico (na criação de neologismos, ou no novo sentido dado a uma palavra já existente), pois já houvera um predecessor de que o maranhense “se apropria” (para usar termo da moda). Assim, comentando o substantivo “maridoso”, diz o tradutor: “Verto o *uxorius* como o eruditíssimo Antônio Ribeiro nas *Odes de Horácio*, ainda que *maridoso*, isto é mulherengo, não venha em dicionários [...]” (p. 394).

Chamam a atenção, de imediato, os nomes gregos, com a desinência tipicamente grega de acusativo singular para o terceiro deles, como a estrutura do enunciado, em forte polissíndeto. Além disso, há o alongamento do -e final breve em *Noemonaque*. Sabe-se que quanto mais particular a feitura do verso, mais memorável se torna ele e mais facilmente objeto de emulação. Em estudo recente, Jeffrey Wills²⁶ mostra de maneira muito convincente como as repetições na poesia latina e helenística são, muitas vezes, “figuras de alusão”: esquemas de construção do verso imitados de predecessores. Por outro lado, quando pensamos no sentido mesmo do verso, notamos que já aqui se revela um aspecto de sua filiação a uma tradição que remonta a Homero: nos combates, é comum que os nomes das vítimas dos heróis gregos e troianos venham arrolados assim. Virgílio, pois, já podemos afirmar de imediato, antes mesmo de recorrer ao texto homérico, reproduz um aspecto de sua “sintaxe textual”, de sua matriz geradora de textos épicos, na tradição greco-latina.

Imaginemo-nos, porém, na condição do leitor erudito da poesia alexandrina, do leitor “ideal”, capaz de detectar alusões porque sabe praticamente de cor os textos relevantes do cânone greco-latino — tão *doctus* quanto o próprio poeta. Nas escolas, nunca é demais lembrar, o ensino era todo calcado no texto, e as crianças aprendiam a decorar os autores considerados exemplares, a reelaborá-los, “imitando-os”. Esse leitor recordará algo importante: já leu esse verso em Homero e sabe que Virgílio, aqui, se apropriou de Homero, só não o citando literalmente pelo fato de que traduziu o grego para o latim (com um traço morfológico helenizante, é verdade). Está no canto V da *Iliada* (e sua versão encontra-se na parte mais iliádica da *Eneida*):

ἔνθ' ὃ γε Κοίρανον εἶλεν Ἀλάστορά τε Χρομίον τε
Ἴλκωνδρόν θ' Ἄλιόν τε Νοήμονά τε Πρύτανίν τε.
(vv. 677-678)

Então, matou Kóiranos (Céranos), Alastor, Crómio,
Alcandro, Hálío, Noémon e Prítanis.

26. *Repetition in latin poetry. Figures of allusion*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

Um tradutor consciente da importância desses ecos na *Eneida* poderia exercer sua tarefa mantendo, aqui, a mesma tradução para um verso e outro, *possibilitando* que o leitor capte a semelhança e teça as associações intertextuais. Vejamos como Odorico, porém, traduziu:

Na *Eneida*: “Tronca a Noemon, Pritânis, Hálío, Alcandro” (v. 746);

Na *Ilíada*: “[...] ele ceifa a Crômio,/Hálío, Pritânis, Alastor, Cereno” (vv. 564-565).

O tradutor, como se vê, muda a ordem dos nomes próprios, de forma que não há o mesmo verso nas traduções das duas epopéias — uma espécie de infidelidade ao caráter intertextual da *Eneida*. E, pelo que pudemos constatar, Odorico também não é fiel ao que chamaríamos *auto-intertextualidade*, se não tivéssemos aqui um monstro terminológico insuportável: Virgílio se apropria, em sua epopéia, de versos das *Geórgicas*, por vezes transcrevendo-os com pequenas alterações. Ora, um exame superficial mostra que o tradutor prefere variar a tradução também nesses casos. Numa das notas de Odorico, temos o testemunho de que críticos da *Eneida* viam, na retomada de versos das *Geórgicas*, um motivo de censura: “Se os críticos o repreendem por haver na sua epopéia metido um ou outro verso das *Geórgicas* [...]” (nota aos vv. 13-16; 15-17 da tradução).

Resta dizer uma palavra sobre os versos repetidos e os ecos verbais no estilo formular da *Eneida*, o que poderíamos denominar “intra-intertextualidade”. Seria curioso estudar mais detidamente a questão em Odorico, mas um exemplo bastará para demonstrar sua preferência pela *uariatio*. Na alocução de Enéias aos companheiros, na cena que antecede os funerais do jovem Palante, temos um verso célebre:

[quem] abstulit atra dies et funere mersit acerbo
(XI, v. 28).

“[a quem] um dia sombrio arrebatou e mergulhou
[em funeral acerbo].”

O leitor atento aos ecos verbais percebe que aqui ressoa uma outra passagem da epopéia: significativa-

mente, a impressionante descrição das crianças mortas muito cedo, cujo vagido Enéias ouve, ao adentrar uma espécie de limbo no reino das sombras, no canto vi. É um exemplo de como a repetição, aqui de um verso todo, cria efeitos de sentido pela associação que o leitor pode fazer entre textos e contextos: Palante, *miserandus puer* (XI, v. 42), é associado, pungentemente, às “almas chorosas dos infantes” (*infantumque animae flentes*), arrebatados no limiar da vida (*in limine primo*). A associação se dá para o leitor que recorda o verso repetido em XI e confronta os contextos relacionados. Ora, o tradutor atento a esse aspecto da técnica compositiva virgílica talvez devesse ser fiel a ele, empregando, nos dois casos, um mesmo verso em português. Odorico, entretanto, varia:

Logo se ouve ao limiar vagido e choro,
Tenros ais dos que ao seio em que mamavam
Arrebatou, privou do doce alento,
Imergiu dia infausto em luto acerbo (VI, vv. 435-438).

Palante, a quem não pobre de virtude
Mergulhou trago acerbo em noite escura (XI, vv. 25-26).

É evidente que o estudo mais sistemático da feição intertextual da poesia antiga é recente, e seria absurdo exigir de Odorico respeito a um dado do texto que ele provavelmente deveria analisar de maneira muito diferente da nossa.²⁷

O leitor encontrará, ao final de cada canto desta edição, após as notas do próprio Odorico, notas e co-

27. Ver, a respeito, este trecho de uma nota da *Eneida brasileira*, curiosamente suprimido do *Virgílio brasileiro*: “Todos os versos repetidos na *Eneida*, eu os traduzo diferentemente, conservando contudo o sentido, e só variando nas palavras” (p. 217, comentário aos vv. 892-901 do original latino; vv. 931-939, na tradução). Outra nota reveladora: diante de um verso repetido na epopéia — *At Messapus, equom domitor, Neptunia proles*, o comportamento do tradutor é não vertê-lo da mesma forma; ao contrário: “O verso 691 [do canto sétimo], por vezes repetido, ora o traduzo ao pé da letra, ora digo só o *picador Messapo* ou o *Neptúnio Messapo* ou o *Cavaleiro Messapo*; crendo que, uma vez traduzido rigorosamente [na primeira edição da *Eneida brasileira*, aparece outro advérbio: *literalmente*], não era preciso que sempre o fosse” (p. 556, comentário aos vv. 655-691; 653-689, na tradução).

mentários a respeito de certas passagens da epopéia; ao longo dos 12 cantos, então, terá como que penetrado no laboratório do tradutor. Que ele seja pelo menos *compreendido*, e não abandonado a meia dúzia de admiradores eruditos, depois de o rotularmos de “ilegível” ou outro epíteto equivocado.²⁸

PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, João Franco. *Eneida portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1981.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, vols. I e II. São Paulo: Itatiaia, EDUSP, 1975.
- CARO, Annibal. *Publio Virgílio Marone. Eneide*. Novara: Club del Libro, 1968.
- ELÍSIO, Filinto. *Poesias*. Seleção, prefácio e notas do prof. José Pereira Tavares. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1941.
- FEIO, José Victorino Barreto. *Eneida de Virgílio Maro*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1846.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*, vol. III. São Paulo, Cultrix, 1977.
- MENDES, Odorico. *Eneida brasileira ou tradução poética da epopéia de Publio Virgílio Maro*. Paris: Typographia de Rignoux, 1854.
- . *Virgílio brasileiro ou tradução do poeta latino por Manuel Odorico Mendes*. Paris: Typographia de W. Remquet, 1858.
- RODRIGUES, Antônio Medina. Introdução a Odorico Mendes: poética da *Eneida brasileira*. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo: FFLCH–USP, 1977.
- . Odorico Mendes: tradução da épica de Virgílio e Homero. Tese de doutorado inédita. São Paulo: FFLCH–USP, 1980.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*, t. III, 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*, t. VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.
- THILO, Georg e HAGEN, Hermann. *Servii grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*, vol. I. Hildesheim: Georg Olms, 1986.
- VIRGILE. *Énéide*. Texte établi et traduit par Jacques Perret, troisième tirage. Paris: Les Belles Lettres, 1992, t. I; 1989, tt. II e III.
- WILLIS, J. *Repetition in Latin poetry. Figures of allusion*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

28. Esta introdução reproduz, com modificações, artigo de nossa autoria publicado no primeiro número da *Phaos. Revista de Estudos Clássicos* (IEL–UNICAMP, 2001, pp. 171-186).

ENEIDA BRASILEIRA

ou

Tradução Poética da Epopéia de

PÚBLIO VIRGÍLIO MARO

por

MANUEL ODORICO MENDES

da cidade de S. Luís do Maranhão

